

18 ABR 1995

Márcio Moreira Alves

■ DE BRASÍLIA



FH, a mídia e o Congresso

Fernando Henrique sublinha duas características que singularizam a sociedade brasileira dos últimos anos em relação a quase todos os países latino-americanos e, especialmente, o México: uma imprensa absolutamente livre para investigar e publicar o que bem entender e instituições democráticas consolidadas.

Ele conta que compreendeu a fundamental diferença em relação ao México ao ler uma observação de um motorista de táxi mexicano a um repórter do "New York Times". Dizia o motorista: "O Governo nos convenceu que poderíamos consumir como se fôssemos do Primeiro Mundo. Nós acreditamos e depois vimos que não era verdade."

No Brasil, achá o presidente, a montagem de uma grande farsa é impossível, porque a imprensa a desmontaria. Até mesmo a perseverança num grande erro, político ou econômico, seria improvável, em razão das advertências que logo surgem nos jornais e revistas.

Fernando Henrique se queixa do exagerado assédio da imprensa, que o impede de ter uma vida privada normal e até de gozar da convivência dos amigos que tem fora da vida política. Mas reconhece que a contrapartida é útil para as instituições. Em um país onde a imprensa fosse menos independente, não teria sido possível fazer-se o impeachment do presidente da República ou as investigações sobre os fraudadores do Orçamento.

Nas análises que faz sobre a mídia, Fernando Henrique separa as funções informativas, que seriam preenchidas pela TV e pelo rádio, das analíticas e de representações simbólicas. Não tem queixas das primeiras. Em relação aos jornais e revistas, acha que alguns exageram no denunciamento, dando preferência ao que é desviante sobre o que é normal e regular.

Por outro lado, crê que a imprensa escrita faz uma representação simbólica e permanente dos conflitos, como se a vida pública fosse uma luta infundável entre as instituições. Quando, por exemplo, o Congresso rejeita uma proposta governamental como a do veto à eliminação da TR nos empréstimos agrícolas, a imprensa descreve o episódio como uma vitória do Legislativo sobre o Executivo e não, como acredita seria correto, de um setor organizado da sociedade — os grandes empresários ru-

rais — sobre os interesses mais gerais da economia, representados na proposta oficial.

A rebeldia do Congresso, a dificuldade que os líderes partidários enfrentam para enquadrar as suas bancadas, a confusão ideológica que permite a confluência entre parlamentares de direita e de esquerda em algumas votações, são encarradas com naturalidade pelo presidente. Já viu outros inícios de legislaturas e lembra o que aconteceu.

Logo no início do Governo Sarney, por exemplo, os partidos majoritários haviam acordado eleger Ulysses Guimarães presidente da Câmara e Humberto Lucena presidente do Senado. Quando das votações, Ulysses quase perde para o deputado Alencar Furtado, do Paraná, e Lucena perdeu para um apagado senador do Mato Grosso do Sul, José Fragelli.

Na opinião do presidente, as reformas da Constituição estão caminhando em ritmo rápido. Em nenhum lugar do mundo democrático alterações da Constituição acontecem em três meses; observa, e, no Brasil, as primeiras alterações da ordem econômica já entrarão em votação esta semana, nas comissões especiais. Reconhece dificuldades na tramitação da reforma da Previdência e, sobre ela, faz dois comentários: o Legislativo exerce o seu direito e cumpre o seu papel ao alterar as propostas do Executivo; as alterações na Previdência são as únicas que dizem respeito a pessoas físicas. Logo, é natural que despertem maiores emoções que as outras, referentes a pessoas jurídicas.

Fernando Henrique não está preocupado com a precária eficiência dos seus líderes, que atribui a dois fatores: a) às necessidades de afirmação dos novos parlamentares; b) à dificuldade que muitos têm de abandonar antigas convicções estatizantes e entender que a defesa da soberania estaria hoje em controlar uma inevitável internacionalização da economia. Privatizar e abrir o mercado não significaria abandonar a defesa dos interesses nacionais e os Estados Unidos seriam um bom exemplo disso.

Finalmente, ao contrário da maioria dos cronistas e repórteres políticos, Fernando Henrique acha que não encontrará no Congresso uma oposição firme aos seus projetos. Segundo ele, nós, os jornalistas, somos uma raça aflita.